



6º PRÊMIO FECOMERCIO DE SUSTENTABILIDADE

**Ações inovadoras sintonizadas
com os 17 Objetivos de
Desenvolvimento Sustentável
(ODS), da Organização das
Nações Unidas (ONU)**

6º PRÊMIO FECOMERCIO DE SUSTENTABILIDADE

Ações inovadoras sintonizadas
com os 17 Objetivos de
Desenvolvimento Sustentável
(ODS), da Organização das
Nações Unidas (ONU)

08

OPINIÃO

12

COMITÊ DE
PREMIAÇÃO

18

EMPRESA

42

ÓRGÃO
PÚBLICO

10

APRESENTAÇÃO

14

RELAÇÃO DE
JULGADORES

26

ENTIDADE
EMPRESARIAL

50

ACADEMIA

34

INDÚSTRIA

58

JORNALISMO

VITÓRIA DO PLANETA



ABRAM SZAJMAN

Presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), entidade gestora do Sesc-SP e do Senac-SP

Mesmo diante de um cenário macroeconômico desafiador, em que o setor produtivo teve de se ajustar e até rever expectativas, já é possível detectar sinais de retomada da economia. Em paralelo a esse novo momento, há também preocupação crescente de setores da sociedade de investir em sustentabilidade, no sentido amplo desse conceito.

Essa gradativa mudança na forma de pensar e agir se refletiu no Prêmio Fecomercio de Sustentabilidade, que chega à sua sexta edição se consolidando como uma das iniciativas nacionais mais consistentes de estímulo a projetos de impacto positivo ao desenvolvimento global. Ganha força a ideia de que só é possível termos riqueza e justiça social se preservarmos o planeta.

Entendemos que ações verdadeiramente sustentáveis devem focar o presente com olhos no futuro. Isso porque as novas gerações contarão cada vez mais com o benefício do avanço tecnológico em favor de suas necessidades, mas poderão se deparar com desafios ainda mais complexos de gestão de recursos naturais.

Estamos convictos de que nossa atuação está corretamente pautada no desejo de dar mais eficiência às frentes de trabalho que contribuem para alcançar resultados efetivos para um bem comum. Dessa forma, orientamo-nos pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), 17 diretrizes que compõem uma agenda mundial definida pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2015, com 169 metas a serem atingidas até 2030.

Fortalecida por uma proposta mais robusta, a FecomercioSP comemora os recordes nos resultados e na dimensão que essa premiação

alcançou. Recebemos 584 projetos completos de todas as regiões do Brasil e elegemos 18 finalistas em seis categorias (Empresa, Entidade Empresarial, Indústria, Órgão Público, Academia e Jornalismo), os quais você conhecerá neste material. Temos a honra de premiar seis vencedores, mas vitoriosos somos todos nós que nos envolvemos e nos empenhamos em fazer nossa parte em prol de um mundo social e ambientalmente sustentável.

MAIS IMPACTO E MAIOR ALCANCE

Prêmio Fecomercio de Sustentabilidade tem 18 finalistas que promoveram ações voltadas ao equilíbrio do planeta, levando em consideração os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), da Organização das Nações Unidas (ONU)

Ao longo das seis edições do Prêmio Fecomercio de Sustentabilidade, vimos a extraordinária evolução de um concurso que trouxe à luz projetos e soluções voltados à preservação dos nossos recursos naturais. Idealizado como um prêmio para estimular as empresas dos segmentos de comércio, serviços e turismo do Estado de São Paulo, acabou instigando ideias de todos os setores produtivos, da academia e dos órgãos públicos do País inteiro, tornando-se uma premiação de alcance nacional.

Nesta edição, decidimos expandir os horizontes com a inclusão da temática dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). Foi uma forma de ampliar a visão da sociedade para o prêmio e para o próprio conceito de sustentabilidade, que nunca foi apenas o meio ambiente. E sim, o tripé meio ambiente, economia e sociedade. Além de nortear políticas públicas em vários países, inclusive no Brasil, os ODS não são apenas um compromisso dos governos. A sociedade e, conseqüentemente, o setor produtivo devem aderir a essa busca pela sustentabilidade global.

Historicamente, as preocupações do setor produtivo com sustentabilidade e os projetos inscritos no Prêmio Fecomercio sempre estiveram relacionados ao meio ambiente, às qualida-

des da água e do ar, à eficiência energética, à gestão dos resíduos sólidos e ao combate ao aquecimento global.

Agora, com os ODS, uma janela de oportunidades se abriu para além desses assuntos. Os projetos inscritos puderam apresentar soluções inovadoras para erradicar a pobreza e a fome; implantar práticas de agricultura sustentável; oferecer saúde e educação de qualidade; promover a igualdade de gênero, o trabalho decente e o crescimento econômico; melhorar a indústria e a infraestrutura; reduzir desigualdades; tornar cidades e comunidades sustentáveis; estimular o consumo e a produção responsáveis; e fomentar a paz, a justiça e instituições eficazes, além de celebrar parcerias a fim de instituir os meios de execução dessas soluções.

Recebemos 791 inscrições, das quais resultaram 584 projetos completos e aptos a serem avaliados. Foram apresentadas ideias criativas sobre como as empresas do setor de comércio de bens e serviços, indústrias, organizações empresariais, administração pública, professores e alunos de gradua-

ção ou pós-graduação podem ajudar a sociedade a atingir as 169 metas dos ODS. Tudo isso “sem deixar ninguém para trás”. Além disso, as reportagens jornalísticas inscritas reverberaram importantes temas relacionados aos objetivos da ONU.

A premiação continua sendo uma das formas de a FecomercioSP mobilizar seus filiados e representantes – e demais atores do setor produtivo – da administração pública e da academia para a conscientização dos problemas e buscar as soluções. E ao relacionar a temática dos ODS nesta sexta edição, a Federação contribui para o esforço mundial de estimular ações concretas e ambiciosas, que conduzirão as pessoas e o planeta à prosperidade e à paz.

O Prêmio Fecomercio de Sustentabilidade instrumentaliza o setor produtivo para exercer uma força vital em prol da construção de estratégias que vão ao encontro das metas dos ODS que devem ser cumpridas até 2030. Assim, a FecomercioSP está desempenhando um papel fundamental nesta luta, que é de todos e para todos!

JOSÉ GOLDEMBERG

Professor e presidente
do Conselho de
Sustentabilidade
da FecomercioSP

COMITÊ DE PREMIAÇÃO

JOSÉ GOLDEMBERG

Presidente do Conselho de Sustentabilidade da FecomercioSP. Doutor em Ciências Físicas, foi presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, presidente da Companhia Energética de São Paulo (Cesp), reitor da Universidade de São Paulo (USP), secretário de Ciência e Tecnologia, secretário do Meio Ambiente da Presidência da República e ministro de Estado da Educação do governo federal e secretário de Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Em 2008, recebeu o prêmio Blue Planet Prize, da Asahi Glass Foundation (Japão); em 2010, o Trieste Science Prize, da Academia de Ciências do Terceiro Mundo; e em 2013, o Prêmio Zayed de Energia do Futuro (Zayed Future Energy Prize) na categoria Life Achievement.

FÁTIMA CRISTINA CARDOSO

Cientista ambiental e jornalista, especialista em cadeias de produção sustentáveis, responsabilidade corporativa e governança socioambiental. Foi country manager da Fundação Solidaridad no Brasil, organização holandesa que atua no desenvolvimento de cadeias de produção sustentáveis em 55 países. Possui extensa carreira na mídia brasileira, tendo trabalhado como repórter e editora no jornal Folha de S.Paulo e no Grupo Estado. Atualmente, reside em Washington DC, Estados Unidos, onde atua como consultora do Banco Mundial.

EMERSON KAPAZ

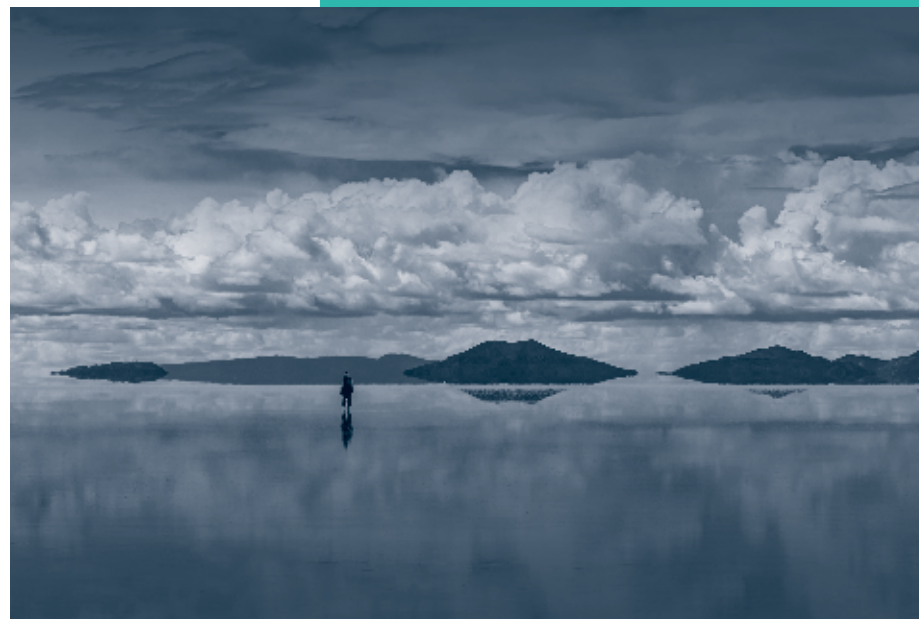
Empresário, formado em Engenharia Civil, com pós-graduação em Administração de Empresas, foi dos fundadores e presidente da Abrinq e Fundação Abrinq, criada para defender os direitos de crianças e adolescentes. Foi secretário de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico de São Paulo entre 1994 e 1998 e deputado federal entre 1998 e 2002. No Congresso, foi o criador e o relator da nova lei das sociedades anônimas e da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Foi presidente-executivo do Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial (ETCO) e diretor-executivo do Instituto para o Desenvolvimento do Varejo (IDV). É sócio da ALEK Consultoria Empresarial, que atua junto com empresas nacionais e multinacionais, e diretor da GD Solar, empresa de estruturação e implantação de parques solares.

MARIA RITA SPINA BUENO

Diretora-executiva da Anjos do Brasil e fundadora do Mulheres Investidoras Anjo (MIA), que atua com o desenvolvimento de startups e a aproximação entre empreendedores e investidores-anjo para alavancar o potencial do mercado brasileiro de investimento e empreendedorismo de inovação. Trabalha na gestão de empresas e de projetos, com foco em implantar soluções nas áreas financeira, de recursos humanos e de operações. Graduada e mestre em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

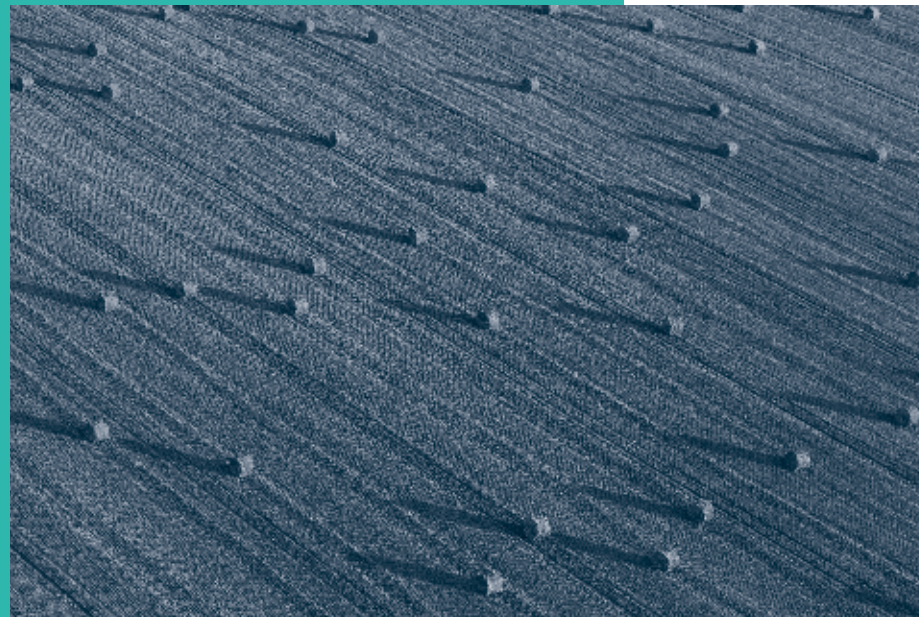
RELAÇÃO DE JULGADORES

ADRIANA MULS Jornalista	CINTIA NOLASCO MAGNO Jornalista	FELIPE PEDROSA Jornalista	JACQUELINE DOS SANTOS Economista	MAIKE ROTHENBURG MOHR Assistente Social	Arte-Educador
ADRIANO MACEDO Jornalista	CRISTIANE FERREIRA Analista Comportamental	FERNANDO LACERDA Jornalista	JOSÉ GABRIEL PESCE JUNIOR Bacharel em Direito	MÁRCIO BENSUASCHI Turismólogo	PETRINA TEIXEIRA SANTOS Gestora Ambiental
AIRTON GERALDO GUIMARÃES Jornalista	CYNTIA WATANABE ROSA Engenheira de Produção	FLÁVIA OLIVEIRA MARIANO Psicóloga	JOSE MARCELO ZACHI Bacharel em Direito	MARIANA COELHO Mestre em Marketing Estratégico	RENATO WEIL Repórter Fotográfico
ALESSANDRA ALKMIN Educadora Criativa	EDSON OLIVEIRA Publicitário	FRANCISCO A. SOUZA DALSENTER Empreendedor Social	JOSÉ OSVALDO SANTOS LIMA Engenheiro	MARIANA MATTARAIA Gestora Estratégica de Negócios	RICARDO SANTOS ALEXANDRE ARAÚJO Historiador
ANA CRISTINA PIMENTA Jornalista	EDUARDO HENRIQUE DE OLIVEIRA Especialista em Gestão Responsável pela Sustentabilidade	GAYA MACHADO Jornalista	JOSEFA GARZILLO Médica Veterinária	MÁRIO CEZAR RALISE Administrador	ROBHSON ABREU Jornalista
ANA ELISA OLIVEIRA Jornalista	EDUARDO MAURO FERNANDES DE BARROS Especialista em Gestão Responsável pela Sustentabilidade	GLÓRIA TUPINAMBÁS Jornalista	JUAREZ CAMPOS Engenheiro	MARISA DE SENA MILAGRES Psicóloga	RODRIGO DE OLIVEIRA PERPÉTUO Administrador
ANDERSON VELOSO Jornalista		HENRIQUE DE ALMEIDA Especialista em Mudanças Climáticas	JULIANA RIBEIRO Jornalista	MAURICIO BORN Engenheiro de Produção	SAMUEL GUIMARÃES Jornalista
ANDREA JUSTE Jornalista		HUMBERTO CORRÊA Médico Psiquiatra	JÚNIA MIRANDA Jornalista	MAURILLO ANDREAS Publicitário	SÁVIO REZENDE Especialista em Marketing Estratégico
ANTÔNIO FERNANDO BATISTA DOS SANTOS Doutor em Artes Visuais	ELIANA MARA GONÇALVES MOTA Administradora de Empresas	INOCÊNCIO MAGELA DE OLIVEIRA Filósofo	LILIAN COELI LEITE DA SILVA Geógrafa	MAURO CEZAR MORAES JUNIOR Executivo de TI	SEBASTIÃO DE JESUS DIAS Mestre em Administração
ARTHUR COSTA Empresário	EMERSON DE ALMEIDA Designer	IRINEU CEZAR VIEIRA Engenheiro de Produção	LILIANE LANA FERNANDES LIBERATO Jornalista	MÔNICA MALDONADO Mestre em Educação	TAMARA SALOMON Psicóloga
CAMILA FERNANDES DE MORAIS Cientista Social	FÁTIMA DE FARIA VALADARES Farmacêutica	ISABEL DE ANDRADE Jornalista	LUIZ MÁRCIO HADDAD SANTOS Arquiteto	PAULO ÂNGELO CARVALHO DE SOUZA Engenheiro Civil	WESLEY FIGUEIREDO Jornalista
CARLA TANGARI Analista de Controle		IZABEL ZAGLIO Jornalista	MAGDA SANTOS COSTA Psicóloga	PAULO LÚCIO FARIA ALVES	WILL MONTENEGRO Mestre em Ciências Sociais



FINALISTAS

Conheça a seguir os projetos
selecionados para a fase final
do 6° Prêmio Fecomercio
de Sustentabilidade



EMPRESA

Empresas dos setores do
comércio de bens, serviços
e turismo, varejistas
ou atacadistas

PROJETO FAZENDA SOLAR

UNIÃO ENTRE ENERGIA E ECONOMIA

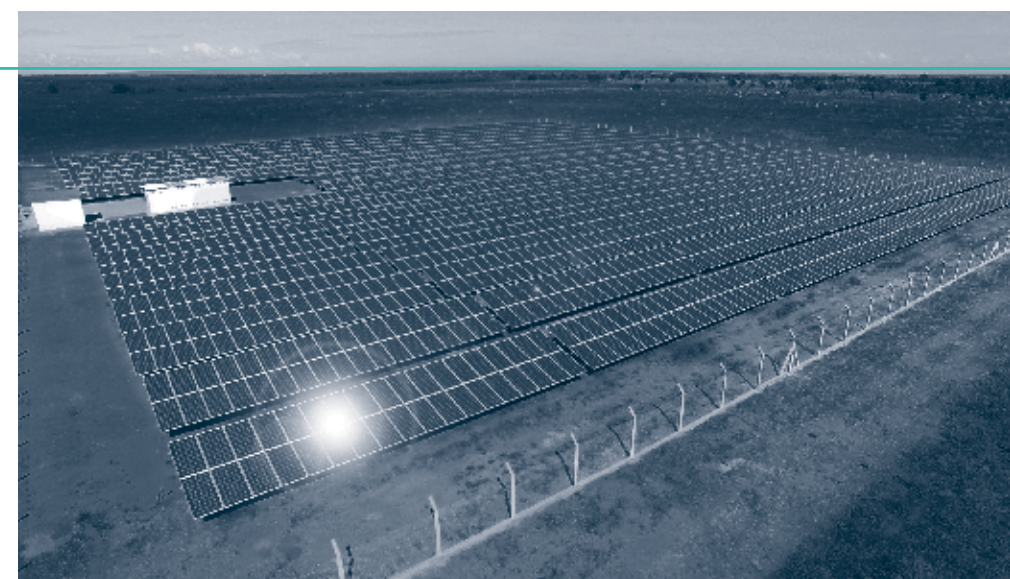
Geração de energia solar em área rural improdutiva garante fornecimento a pequenas e médias empresas em Minas Gerais

Garantir o acesso a uma fonte energética limpa e renovável e que traga economia para o usuário. Essa é a proposta da Fazenda Solar, iniciativa inédita da Órigo Energia inaugurada em 2017 na cidade mineira de João Pinheiro (MG).

No município a 400 quilômetros de Belo Horizonte, painéis solares instalados em uma propriedade rural de 2,5 hectares produzem cerca de 170 MWh/mês. O montante é distribuído para pequenas e médias empresas da região, que aderem ao fornecimento por meio de planos mensais. A conta varia de acordo com o padrão de consumo. No momento, 63 clientes são beneficiados. A economia chega a 10% em relação à conta de energia comum.

“É o primeiro modelo de usina de geração compartilhada do Brasil”, conta a gerente de marketing e comunicação da Órigo, Tatiana Fischer. “O parceiro tem acesso a uma energia renovável, que o tira da dependência da matriz tradicional. E sem precisar de investimento”, explica.

O conceito de sustentabilidade também norteou a escolha do local: o sistema foi instalado numa área improdutiva. A construção durou seis meses, e aproximadamente 25 profissionais es-



pecializados se dedicaram a tirar o projeto do papel. O investimento na Fazenda Solar foi de cerca de R\$ 5,5 milhões. O recurso veio de dois investidores: o Mov, fundo de investimento da Natura, e o americano TPG.

A proposta agora é expandir o acesso. “Por ser um projeto de inovação, foi gerada uma cadeia de valor que não existia no País. É um *know-how* que a empresa desenvolveu, e, agora, é só uma questão de disseminar isso para a construção das próximas fazendas solares”, planeja a gestora.

A energia solar vem crescendo no País, embora o custo de implantação

seja considerado um entrave para seu avanço. A Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar) comemora um feito considerado histórico: o País ultrapassou a marca de 1 gigawatt de capacidade instalada em projetos solares em operação. O bom momento está ligado à realização de leilões que viabilizam novos projetos, o que gerou competição entre investidores e derrubou custos.

Segundo a Órigo, os planos são de expandir o sistema para outros locais. A segunda Fazenda Solar já está em construção. Outras dez unidades devem ser construídas ainda em 2018.

PROJETO RENOVA ECOPEÇAS

VELHOS VEÍCULOS, NOVAS PEÇAS

Iniciativa pioneira na reciclagem automotiva dá destinação ambientalmente correta a óleos e sobras de combustível, além de revender peças em bom estado

Dois princípios nortearam o surgimento da Renova Ecopeças, empresa do grupo Porto Seguro pioneira na reciclagem automotiva: dar destino correto a itens de alto impacto ambiental e comercializar peças em boas condições de uso por valor mais baixo que os artigos novos.

A operação comercial teve início em 2014. O processo de separação das peças se dá inicialmente com a descontaminação de carros que já têm baixa definitiva nos departamentos estaduais de trânsito. Essa etapa inclui a retirada de gases, óleos e sobras de combustível. Os resíduos são encaminhados para empresas especializadas em reciclagem, possibilitando seu reaproveitamento em diversos segmentos.



Em seguida, é a vez da desmontagem da lataria e das remoções de tapeçaria, vidros e componentes mecânicos, elétricos e eletrônicos e itens de segurança. As peças, então, são classificadas em três categorias quanto a qualidade e condição de reaproveitamento: A (em perfeito estado), B (com pequenas avarias estéticas) e C (peças descartáveis e itens de segurança). As classificadas como “A” e “B” recebem um selo de qualidade, são identificadas e submetidas a um sistema de rastreabilidade, que comprova sua procedência, com código de barras e nota fiscal.

Como isso, o comprador tem acesso ao histórico da peça por meio de um sistema de identificação da origem que mostra desde o documento de baixa no departamento de trânsito (com foto do

carro original de onde foi retirada). Rejeitadas pelo processo de qualidade, as peças “C” não são vendidas, mas remanufaturadas ou recicladas.

A venda é feita nas lojas físicas ou pelo e-commerce da Renova. O preço é de 50% a 60% menor do que uma nova, variando conforme o modelo e condição. “Quando um veículo é reciclado, 3,7 mil quilos de CO₂ deixam de ser emitidos. Isso é possível porque o processo de reciclagem é mais eficiente se comparado ao processo que utiliza recursos naturais para a produção de matéria-prima. Além disso, o descarte ambientalmente correto de fluidos e resíduos retirados dos veículos evita a contaminação do solo”, destaca o superintendente da empresa, Fábio Frasson.

Segundo a Renova, o índice de reaproveitamento chega a 95%. De oito a dez veículos são desmontados por dia. Desde o início das operações, já foram processados mais de 10 mil veículos. O montante representa o descarte de forma ambientalmente correta de 3 mil litros de fluido de freio; 18 mil litros de óleo de motor; 18 mil litros de óleo de câmbio ou fluido de transmissão; 9 mil litros de fluido de arrefecimento; 97 mil pneus; 2,5 mil baterias; 3,6 mil toneladas de aço e 437 toneladas de vidro.



PROJETO VIA VAREJO

RECICLANDO OPORTUNIDADES

Via Varejo firma parceria com cooperativa de reciclagem ao fornecer material para separação e venda. Projeto vem beneficiando cerca de 40 famílias

É possível unir o conhecimento de uma cooperativa de reciclagem com a visão de negócio de uma varejista de grande porte, gerando benefícios ambientais e socioeconômicos?

O Reviva – programa de reciclagem da Via Varejo, administradora das redes Casas Bahia e Pontofrio –, vem provando que sim. Desenvolvida em parceria com a Cooper Viva Bem, que atua com reciclagem em São Paulo, a iniciativa estabelece um diálogo entre dois atores importantes na cadeia da reciclagem: comércio e cooperativas.

Os centros de distribuição, os escritórios e as lojas do Estado de São Paulo da Via Varejo enviam material reciclável a uma central de triagem em Jundiaí (SP). Ali, o material é separado por tipos (papel, papelão, plásticos, etc.) e vendido pela cooperativa. Com a receita, a entidade consegue pagar os custos

do uso do espaço e do maquinário utilizados na operação e recolher impostos, e o saldo é dividido entre os cooperados. Desde o início da parceria, mais de 20 mil toneladas de material já foram recicladas, beneficiando diretamente mais de 40 famílias.

A parceria foi fechada em 2015 após análise e suporte da Giral – Viveiro de Projetos, empresa que atua no desenvolvimento de projetos e modelos de negócio. Desde então, a central de triagem, antes administrada pela Via Varejo, passou a ser gerida pela Cooper Viva Bem.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) foi determinante para o desenvolvimento do Reviva. Com sua

implementação, a Via Varejo buscou melhorar o seu engajamento à lei.

Unir os cooperados em torno de uma operação de grandes proporções foi o primeiro desafio enfrentado. Nas fases posteriores, os esforços foram concentrados na administração do projeto, incluindo controle de venda e estabelecimento de indicadores de acompanhamento.

“Há ganhos para todos os envolvidos. A empresa foca em seu negócio com a certeza de que seus resíduos estão sendo destinados adequadamente. Os cooperados, fundamentais no processo de reciclagem do País, têm aumento de renda e inclusão social, avalia Paulo Pioner, diretor de expansão e manutenção da Via Varejo.





ENTIDADE EMPRESARIAL

Sindicatos e entidades
de classe (confederações,
federações e Sistema S) de
todos os setores econômicos

PROJETO PANORAMA DOS
RESÍDUOS SÓLIDOS ABRELPE

DIAGNÓSTICO INTELIGENTE

Levantamento da Abrelpe
que compila dados sobre a
gestão de resíduos sólidos
urbanos é referência no
Brasil e no exterior

Para adotar um conjunto de políticas públicas com boas práticas de gestão de resíduos sólidos urbanos (RSU), as cidades brasileiras contam hoje com uma abrangente base de dados produzida pela Associação Brasileira das Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe).

Na produção do levantamento anual “Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil”, implantado em 2003, a entidade pesquisa informações em 450 municípios escolhidos de acordo com critérios estatísticos que permitam uma representação fiel da realidade brasileira. Todos os Estados são contemplados.

O documento apresenta informações sobre geração, coleta, tratamento e destinação final dos RSU. Traz ainda detalhes sobre o material descartado por serviços de saúde, cadeia da construção civil e demolição, índices de coleta seletiva, reciclagem e logística reversa.

Segundo Carlos Silva Filho, diretor-presidente da Abrelpe e coordenador-geral da iniciativa, o panorama é hoje a única publicação anual com dados atualizados obtidos por meio de metodologia científica. “É a principal referência sobre gestão de resíduos sólidos no

País, utilizada como fonte por órgãos públicos e instituições privadas no Brasil e exterior”, enfatiza. Em razão de seu ineditismo, o projeto é referência, inclusive, para o Atlas Mundial de Resíduos Sólidos da Organização das Nações Unidas (ONU) e para estudos acadêmicos.

“Temos quase 3 mil lixões a céu aberto para onde vão 30 milhões de toneladas de lixo por ano. Ou seja, uma contaminação diária do meio ambiente. Esse é o ponto de maior preocupação”, ressalta Carlos.

Na fase inicial da pesquisa, que inclui o envio de questionário eletrônico para as prefeituras, o acompanhamento é feito remotamente. Caso o município tenha dificuldade para preencher ou encaminhe informações pouco precisas, uma equipe vai até a localidade para coletar os dados. O levantamento, custeado com recursos próprios, acontece durante o primeiro semestre do ano. A publicação é lançada em agosto, eventualmente com o apoio de patrocinadores.

De acordo com o último relatório divulgado em 2017, o Brasil gerou 78,3 milhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos. O número coloca o País em quinto lugar no ranking mundial.



PROJETO BRAZTOA

VIAGENS SUSTENTÁVEIS

Entidade premia as
empresas turísticas que
oferecem produtos e serviços
ambientalmente responsáveis

O conceito de sustentabilidade tem influenciado cada vez mais as empresas. Antes restritas a segmentos com impacto direto ao meio ambiente, hoje as práticas que envolvem o tema têm sido incorporadas por variados setores. Bom exemplo é o trabalho desempenhado pela Associação Brasileira das Operadoras de Turismo (Braztoa), que reúne mais de 90 empresas do *trade* de turismo no Brasil.

Em 2012, ela criou o Prêmio Braztoa de Sustentabilidade. Nele, são reconhecidas as melhores iniciativas sustentáveis de empresas e organizações do segmento turístico. Desde o lançamento, mais de 300 propostas de todo o Brasil foram inscritas e cerca de 70 já foram premiadas.

“Os vencedores são escolhidos por um júri especializado formado pelas principais instituições relacionadas ao turismo sustentável, como Organização Mundial do Turismo (OMT), ONU Meio Ambiente e Ministério do Turismo”, explica o coordenador de projetos da Braztoa, Leonardo Bitencourt Tamagusuku.

Segundo a entidade, a iniciativa tem por objetivo estimular a cadeia do turismo a agir de maneira ambientalmente



responsável, socialmente justa e economicamente viável. O prêmio visa ainda a incentivar o *trade* a oferecer produtos e serviços sustentáveis e possibilitar que as boas iniciativas sejam multiplicadas. Assim, a Braztoa fomenta a cultura empresarial de gestão da sustentabilidade no setor e contribui para a promoção do desenvolvimento sustentável do Brasil.

Segundo Tamagusuku, um dos desafios enfrentados é a qualidade dos projetos inscritos, uma vez que muitos deles

não passam da fase de pré-inscrição. “A captação de patrocínios para manter o desenvolvimento constante do prêmio é outra dificuldade, além da resistência de muitas empresas ao tema, principalmente em época de crise”, explica. Cada edição tem um investimento de aproximadamente R\$ 70 mil.

O reconhecimento tem surtido efeitos práticos. A Braztoa tem observado mais oferta de produtos e serviços comprometidos com a sustentabilidade.

PROJETO SISTEMA DE GESTÃO
AMBIENTAL INTEGRADO ARISP

FORMAIS E ENGAJADOS

Projeto desenvolve ações em prol do meio ambiente em cartórios de registro de imóveis em todo o Estado de São Paulo

A Associação dos Registradores Imobiliários de São Paulo (Arisp) decidiu inserir o conceito da sustentabilidade no dia a dia dos 316 cartórios de registro de imóveis espalhados pelo Estado de São Paulo.

Para interagir com seus associados, desenvolveu em 2015 o Sistema de Gestão Ambiental Integrado (SGAI). Por meio de uma ferramenta online no site *sustentabilidade.registradores.org.br*, os cartórios preenchem um formulário de levantamento ambiental. Depois de lançadas todas as informações, eles recebem um relatório com sugestões de medidas práticas para minimizar ou neutralizar os impactos de seu trabalho diário ao meio ambiente. A intenção da Arisp é adaptá-los aos moldes sustentáveis.



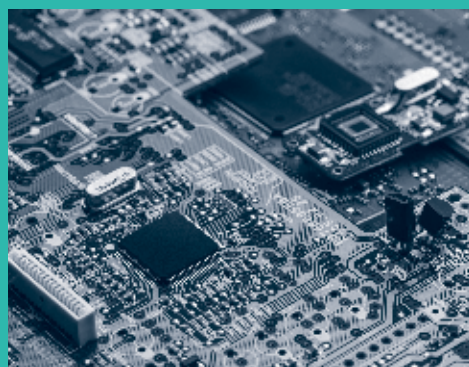
“Entre as ações estão substituição de lâmpadas, instalação de cisterna para captações de água de chuva e da água perdida no sistema de ar condicionado, substituição do papel comum pelo feito de bagaço de cana-de-açúcar, instalação de secadores de mãos em substituição ao papel-toalha e muitas outras ações que, além de minimizar impactos ao meio ambiente, reduzem os custos”, explica a gestora ambiental da associação, Veridiana Aguiar.

De acordo com a entidade, 6,8 mil funcionários e uma média de 31 mil pessoas que passam pelos cartórios diariamente são impactadas nessas ações socioambientais, de conscientização e preservação ambiental. “Sabemos que os cartó-

rios são multiplicadores das ações e que, por meio deles, conscientizamos um número cada vez maior de pessoas”, destaca Veridiana.

Outra iniciativa da Arisp é a Floresta dos Registradores. Para neutralizar as emissões de CO₂ geradas pela atividade dos registradores imobiliários, a associação fez parceria com o empreendimento Green Farm CO2Free, um clube de sustentabilidade compartilhada localizado em Itaquiraí, no Mato Grosso do Sul. Lá, a Arisp plantou uma floresta em uma área de mata nativa com 43 mil metros quadrados, contemplando três biomas: Mata Atlântica, Cerrado e Pantanal.

A associação atua ainda em projetos de educação ambiental para 4 mil crianças; de preservação de animais silvestres; de criação de alevinos para repovoamento de rios; de conscientização de moradores de assentamentos de terra; e da produção de mais de 30 mil mudas de árvores nativas todos os anos. Nos cartórios, também são divulgadas campanhas de vacinação contra gripe, febre amarela e dengue; Outubro Rosa; Setembro Amarelo; Dia Mundial do Meio ambiente; Campanha do Agasalho; entre outras.



INDÚSTRIA

Estabelecimentos
industriais de qualquer
porte ou natureza que não
comercializem seus produtos
para o consumidor final

PROJETO COLOFF

IDEIA QUE PODE SALVAR VIDAS

Revestimento de assento sanitário permite ao paciente coletar fezes de forma mais humanizada e sustentável

O câncer colorretal é um dos que mais matam no mundo e o terceiro mais comumente identificado. Estimativas do Instituto Nacional de Câncer (Inca) apontam que 36.360 mil novos casos devem surgir no Brasil só em 2018, sendo 17.380 mil em homens e 18.980 em mulheres. Apesar da incidência, a Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC) alerta que o rastreamento dos sintomas costuma ser negligenciado no País.

Ainda que a doença possa ser diagnosticada precocemente por meio de



exame de fezes – que aponta a existência de sangramento no intestino –, muita gente evita o procedimento em razão do constrangimento durante a coleta. Para solucionar essa dificuldade, foi lançado em 2010 o ColOff, revestimento de assento sanitário feito de plástico verde (oriundo da cana-de-açúcar) que permite ao paciente coletar fezes de forma mais prática.

Um aspecto pessoal envolvendo Carolina Fagundes, fundadora da ColOff Industrial, foi determinante para o desenvolvimento da inovação. Sua mãe, paciente de câncer colorretal, precisava fazer exames laboratoriais de fezes com frequência, e Carolina não encontrava no mercado nenhum produto que facilitasse a pré-coleta. Assim, acabou criando o assento, em 2006. Dois anos depois, pouco antes de falecer, a mãe deixou um recado para a empresária. “Faça uma patente. Isto me ajudou. Este produto pode salvar vidas.”

“Os produtos disponíveis no mercado são grandes, desconfortáveis e necessitam de coleta parcial utilizando a ‘mira’, ou seja, muito desconfortáveis. Nenhuma solução existente é tão eficaz, simples e viável economicamente como o

ColOff, que é leve, compacto e sustentável”, afirma o CEO e cofundador da indústria, Eliézer Machado Dias.

Ele ressalta que o ColOff aumenta a taxa de adesão ao exame, pois garante uma coleta humanizada. “Entidades de pesquisa, centros universitários e organismos de saúde – como hospitais, laboratórios e clínicas – entenderam e implementaram o produto por causa das vantagens. No entanto, nosso foco está no paciente, que é quem demanda por saúde e tem a percepção real dos benefícios”, conta.

Na fase de desenvolvimento do produto, o investimento de R\$ 1 milhão foi bancado com capital próprio. Hoje, a indústria tem capacidade para produzir 100 mil unidades por mês. O número, contudo, pode ser expandido de acordo com a demanda. O kit custa entre R\$ 5 e R\$ 7 e pode ser encontrado em farmácias e drogarias de todo o País, além de EUA, Canadá, Austrália e Nova Zelândia.

O International Federation of Clinical Chemistry and Laboratory Medicine (IFCC) estima que 5 bilhões de exames de fezes são requisitados anualmente em todo o mundo. São 150 milhões só no Brasil.

PROJETO ZUMPY

MENOS CARROS NAS RUAS

Aplicativo conecta pessoas com itinerários semelhantes e contribui para a melhoria da mobilidade urbana, um dos principais problemas das grandes cidades

Que tal pegar uma carona com segurança, custo baixo e ainda ajudar a melhorar a qualidade da mobilidade urbana? É o que propõe o Zumpy, aplicativo (app) que conecta pessoas que estão no trânsito indo para a mesma região.

Por meio da plataforma, o passageiro pode conseguir uma viagem mais barata do que em um táxi, sem o desconforto do transporte coletivo. Já o motorista tem a opção de pedir uma contribuição aos caronistas. Os créditos podem ser utilizados em postos de combustíveis da bandeira Ipiranga em todo o País ou para pagar IPVA. De acordo com a empresa, o rateio se caracteriza como divisão dos custos de transporte, modalidade permitida pela legislação brasileira de trânsito.

“A ferramenta permite caronas entre amigos de redes sociais ou só entre mulheres, por exemplo”, explica o CEO da Zumpy, André de Andrade, ao falar sobre a preocupação com os filtros de segurança inseridos no app. Os usuários também podem participar de grupos privado, público, moderado ou protegido por e-mail institucional.

O Zumpy tem mais de 120 mil usuários em mais de 1,2 mil municípios do

território nacional, contabilizando mais de 470 mil viagens compartilhadas. A maior base de cadastrados está em Belo Horizonte (cerca de 50 mil), São Paulo (35 mil) e Brasília (29 mil).

O início do desenvolvimento ocorreu em 2015, e sua versão mais recente foi lançada em janeiro deste ano. O investimento inicial foi de R\$ 800 mil. Os recursos vieram de linhas de crédito do BNDES e de premiações do Sebrae.

Andrade conta que o maior desafio foi superar o preconceito que ronda a carona e o transporte compartilhado. Diante disso, a empresa vem desenvolvendo esforços de comunicação e marketing com o objetivo de quebrar resistências no público-alvo. A meta é buscar

investidores com o objetivo de triplicar a base de usuários e iniciar a expansão internacional do aplicativo.

De acordo com um estudo divulgado em 2015 pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o tempo perdido no deslocamento para o trabalho gera ao País um custo adicional de R\$ 62,1 bilhões por ano. Quem vive em São Paulo, por exemplo, passa o equivalente a um mês e meio parado no trânsito a cada ano, segundo o Ibope.

O Zumpy espera ainda gerar benefícios ao meio ambiente. “Ao reduzir a quantidade de veículos nas ruas e a superlotação do transporte público, há a consequente redução na emissão de poluentes: 5.155 toneladas de CO₂ deixaram de ir para o ar”, estima Andrade.



PROJETO ECO PANPLAS

EMBALAGENS PRONTAS PARA REÚSO

Solvente ecológico
descontamina recipientes
plásticos sem gerar resíduos

A reciclagem de embalagens plásticas contaminadas com óleos lubrificante e vegetal costuma gerar resíduos que prejudicam o meio ambiente. Isso porque, na etapa de lavagem dos invólucros, água contaminada e resíduos são gerados. Mesmo após a lavagem, estima-se que 3% de óleo residual ainda permaneçam no plástico, diminuindo seu valor de mercado para toda a cadeia de reciclagem, especialmente a catadores e cooperativas.

Com o propósito de equacionar essas perdas, a Eco Panplas desenvolveu um desengraxante líquido ecológico que faz a descontaminação sem utilizar água nem gerar efluentes ou resíduos. Ao fim do processo, plástico, óleo e rótulos são separados, e o material é recuperado em sistema próprio da empresa.

A Eco Panplas, localizada em São Paulo (SP), processa mensalmente 215 toneladas de plástico (o equivalente a 4 milhões de garrafas), gerando 200 toneladas de plástico descontaminado e 7,5 mil litros de óleo recuperado. Seu faturamento anual está estimado em R\$ 1,25 milhão. A criação do solvente ecológico garantiu à empresa a Patente Verde, uma certificação concedida pelo Insti-



tuto Nacional de Propriedade Intelectual (Inpi) a tecnologias de preservação ao meio ambiente.

O CEO da Eco Panplas, Felipe Cardoso, conta que, “em termos de benefícios socioambientais, o montante processado pela empresa garante 7,5 bilhões de litros de água preservados do meio ambiente; 215 toneladas de plástico contaminado fora de aterros; 306 toneladas a menos de emissão de gases de efeito estufa e 75% de economia de energia”. Além disso, é possível evitar o uso de 120 mil litros de água no processamento.

A Eco Panplas hoje presta serviços ao Instituto Jogue Limpo, programa de logística reversa do qual fazem parte as redes Shell, Ipiranga e Petrobras.



ÓRGÃO PÚBLICO

Órgãos da administração,
direta ou indireta, nos três
Poderes, nas esferas federal,
estadual e municipal

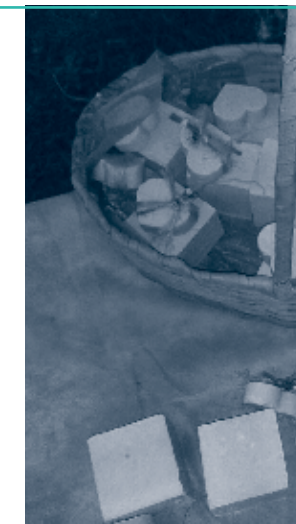
PROJETO COLETA
SELETIVA INCLUSIVA

MUDANÇA SELETIVA

Iniciativa da Prefeitura de Juazeiro do Norte (CE) utiliza a coleta de resíduos que seriam descartados na natureza para gerar renda familiar e cuidar do meio ambiente

Uma cidade com mais de 300 mil habitantes cujos recursos hídricos são providos exclusivamente de poços cavados no solo deve tratar com atenção o descarte de seus resíduos para evitar a contaminação do abastecimento de água. Essa é a realidade de Juazeiro do Norte (CE), onde o primeiro aterro sanitário ainda está em construção.

A fim de introduzir a cultura de gestão de resíduos à população, a Secretaria de Desenvolvimento e Renda do município lançou o programa Coleta Seletiva Inclusiva, que recolhe óleo de cozinha usado nas escolas públicas e estabelecimentos comerciais do bairro de João Cabral (um dos mais carentes da cidade) e destina às oficinas de produção de sabão do Centro de Referência de Assistência Social (Cras). “A ação dá emprego e renda às mulheres atendidas”, conta o diretor de Trabalho e Renda da secretaria, Luis Soares da Costa Neto. O processo de coleta e reciclagem do óleo estabelece que, quando a quantidade da substância é pequena, as próprias participantes retiram os vasilhames dos pontos comerciais. Se o produto ultrapassa 5 litros, os interessados na reciclagem devem ligar na secretaria para agendar a retirada.



Além disso, em cada um dos nove Cras, as cozinhas comunitárias das escolas e demais estabelecimentos comerciais se tornaram postos de coleta dos materiais recicláveis e do óleo de cozinha. Nas repartições públicas municipais, há ainda a promoção da educação ambiental por meio dos grupos de convivência e fortalecimento de vínculos. A ideia é promover também a inclusão produtiva dos catadores de materiais recicláveis.

Os gestores do programa planejam aprimorar a capilaridade da coleta para outros bairros e incluir diversos produtos, como vasilhames plásticos, pneus

e outros. “Com a visibilidade do prêmio, podemos ampliar a divulgação, construir ecopontos de coletas e fazer parcerias com empresas para aumentar nossa logística reversa”, afirma Neto. Para ele, a adoção da coleta seletiva como prática corriqueira na comunidade precisa ser estimulada, e o programa dá o primeiro passo nesse sentido, solucionando o problema de descarte de óleo no esgoto em curto prazo e, posteriormente, promovendo a evolução de toda a cadeia produtiva de Juazeiro do Norte, que envolve indústria, consumidor, governo e catadores de resíduos.

PROJETO PROGRAMA ADOÇÃO
E PRAÇAS E ÁREAS VERDES

UMA PRAÇA PARA CHAMAR DE SUA

Ação promovida pela Prefeitura de Fortaleza (CE), que convida moradores e empresas a adotar praças e espaços verdes, economiza mais de R\$ 20 milhões dos cofres públicos

A fim de incentivar a população a cuidar do meio ambiente e participar do processo de transformação da cidade, a Prefeitura de Fortaleza (CE) criou em 2013 o Programa de Adoção de Praças e Áreas Verdes.

A ação, que faz parte da Política Ambiental da Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente, permite que pessoas físicas ou jurídicas sejam responsáveis pela conservação de praças, áreas verdes, canteiros, largos, rotatórias, jardins, ruas e calçadas por um período de cinco anos.

Quem adota um desses locais públicos pode instalar placas publicitárias e receber um certificado parceria cidadã. Até o momento, 164 praças e espaços verdes já foram adotados gerando uma economia de mais de R\$ 20 milhões aos cofres públicos.

Segundo a secretária de Urbanismo e Meio Ambiente, Maria Muniz, as praças “adotadas” já registram maior movimento de crianças, idosos, que passaram a habitar esses espaços para atividades físicas e realização de feiras e eventos culturais. “É visível o aumento do interesse no programa não só de empresas, mas também de associações e sociedade civil organizada”,



diz. Para ela, uma cidade contemporânea é o local onde a sociedade e o Poder Público agem para o bem viver em comunidade.

“É daí que surge o sentimento de pertencimento. O sentimento do voluntariado deve ser trabalhado. Assim, teremos a volta das pessoas às ruas, ao convívio com a cidade, e exercitaremos

nossa gentileza urbana”, comenta a gestora sobre o propósito da ação.

Quem tem o interesse de adotar uma praça ou espaço verde na capital cearense deve acessar o portal da Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente e consultar os 490 espaços ainda disponíveis. É preciso preencher um formulário firmando o compromisso de zelar pelo local.

PROJETO PROGRAMA ÁGUAS
INTEGRADAS – EDUCAÇÃO
AMBIENTAL NAS ÁREAS
RURAIS DE ITABIRITO

RIO ITABIRITO MAIS LIMPO

Prefeitura de Itabirito (MG) envolve os alunos da rede municipal de ensino e moradores das áreas rurais para conscientizar sobre como preservar o ambiente onde vivem

A Bacia do Rio Itabirito, em Minas Gerais, vem sendo afetada com os impactos da mineração, da expansão do mercado imobiliário e da implantação de infraestrutura viária. Além disso, a atividade agropecuária sem manejo sustentável e o crescente aporte de sedimentos vêm prejudicando o meio ambiente local.

Para minimizar esses efeitos negativos, a Prefeitura de Itabirito criou o Programa Águas Integradas (PAI), um projeto de educação ambiental que conscientiza alunos das escolas municipais e moradores de áreas rurais do município. São

apresentadas práticas sustentáveis aos estudantes, e agentes públicos fazem visitas porta a porta na zona rural. “A meta inicial é atingir todos os 375 alunos da escola rural e, no longo prazo, estender para os 4.475 estudantes das demais unidades escolares”, aponta a assessora técnica da secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Itabirito, Fádua Gisele Silva. Ela diz ainda que o programa pretende impactar toda a população rural do município, que soma 1.883 habitantes.

As atividades trouxeram nova percepção ambiental. Melhorias já são vis-

tas em qualidade e quantidade de água no Rio Itabirito durante todo o ano. Não há enchentes desde 2013, e, hoje, o município trata 90% de seu esgoto.

Segundo Fádua, os resultados foram graças à fiscalização realizada pelos próprios estudantes, que passaram a observar os impactos positivos e negativos no meio ambiente. “Os alunos envolveram a comunidade escolar (pais, professores e funcionários) que passou a divulgar as ações”, conta.

O projeto ainda diagnosticou 20 hectares desmatados que serão usados para o plantio de mudas nativas, que será feito ao longo de 2018. Apesar de eficazes e necessários, os programas de educação ambiental não contam com verbas específicas do município. Para superar o percalço financeiro, os gestores buscaram realizar as ações sem onerar os cofres públicos. “O maior desafio é encontrar formas para dar continuidade aos investimentos para que o projeto seja ampliado”, conclui Fádua.

Nos planos do PAI para este ano, estão a compra de novos equipamentos de ensino, como medidores da qualidade das águas do Rio Itabirito, composteiras orgânicas e material didático.





ACADEMIA

Professores universitários
ou estudantes regularmente
matriculados em cursos de
graduação e pós-graduação
ou trabalhos desenvolvidos
em conjunto por professores
e alunos

PROJETO CIA DE TEATRO E
AUDIOVISUAL WOOLEEFER

ARTE, CULTURA E AÇÃO SOCIAL

Companhia profissionaliza
atores e atrizes com aulas de
teatro em hospitais, abrigos
sociais e orfanatos, somando
experiência aos profissionais
e levando alegria ao público

Criada em 2006 no Espírito Santo, a Cia. de Teatro e Audiovisual Wooleefer oferece qualificação profissional gratuita por meio de aulas de teatro a atores iniciantes. A companhia facilita a inserção no mercado de trabalho desses jovens amantes das artes, e o trabalho já se espalhou por Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia.

Os alunos participam de apresentações voluntárias em hospitais, orfanatos, casas de repouso de idosos e abrigos. “É um público muito especial”, aponta o diretor da companhia, Herik Wooleefer, da Universidade Estácio (RJ). Essas atividades, segundo ele, são importantes para estimular o desenvolvimento profissional dos atores iniciantes. “Eles têm um público que participa e aplaude, contribuindo para a formação dos atores.”

Desde a fundação da companhia, participaram das ações cerca de 1,95 mil alunos que atuaram em apresentações dramáticas, românticas, comédias, infantis, contação de histórias para crianças, aulas humanizadas e geração de filmes para plataformas digitais.

Para se tornar ator ou atriz profissional, é preciso requisitar o registro DRT (Delegacia Regional do Trabalho). Só é



possível conseguir o documento por meio de certificados e participações em espetáculos e aulas teatrais. Por meio da oportunidade oferecida pela companhia, os alunos conseguem o registro e aumentam suas chances de conquistar trabalho na área.

A Cia. conta apenas com um cachê de cerca de R\$ 900 mensais, e o investimento pessoal de Wooleefer de R\$ 2 mil para pagar atores, figurino e material utilizado nas aulas. “Sou professor de arte de manhã, atendente na parte da

tarde e, à noite, organizo os eventos e as realizações da companhia.”

Entre os resultados sociais do projeto, estão 600 crianças, 300 idosos e 500 jovens de periferia beneficiados com as aulas de teatro humanizado mensalmente e 20 apresentações sociais, culturais e ambientais. “Atualmente, atingimos 20 comunidades, 30 escolas, 15 cidades no Rio de Janeiro, seis cidades no Espírito Santo, 15 instituições, cinco casas de repouso e duas instituições para menores infratores, anualmente”, enumera Wooleefer.

PROJETO INVESCIENTE –
SIMULADOR ONLINE DE
IMPACTO DA PRECIFICAÇÃO DE
CARBONO EM INDICADORES
DE VALUATION

POR UM MERCADO MENOS POLUIDOR

Ferramenta criada por
estudantes mede o impacto
de emissão de carbono no
meio ambiente causado pela
atividade empresarial

Importante dispositivo para que a indústria alcance um modelo de produção de menor impacto ao meio ambiente, a taxaço sobre emissões de gases causadores do aquecimento global, como o dióxido de carbono, já é realidade em diversos países, mas ainda não foi adotada legalmente no Brasil.

Com o propósito de conscientizar o mercado acerca dessa possível prática, um grupo de alunos do mestrado em Gestão da Competitividade com ênfase

em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de São Paulo desenvolveu uma ferramenta online para simular a precificação nas emissões de gases de efeito estufa (GEE). Nomeada “Invesciente”, ela mostra a investidores e empresários os impactos financeiros decorrentes de uma eventual taxaço.

Com os dados em mãos, é possível avaliar eventuais riscos e oportunidades. Na plataforma gratuita e aberta para consulta via internet, o empresá-

rio fornece informações sobre seu setor, país-sede e sua capacidade financeira, obtendo-se o impacto das emissões de carbono sobre seu lucro.

“Por meio do simulador, a empresa poderá comparar a influência que a precificação de carbono terá em seu negócio em relação a concorrentes. Dessa forma, ela poderá atuar para ganhar vantagem competitiva, se souber se preparar melhor e reduzir suas emissões antes que uma efetiva precificação entre em vigor”, afirma um dos idealizadores do projeto, Rodrigo Oliveira.

Ter um plano bem estruturado para reduzir a emissão desses gases pode atrair investidores e ser um importante indicador de sustentabilidade para os clientes da empresa. Pelo simulador, o governo também pode desenvolver políticas de incentivos para redução de emissão, seja implantando o mercado de carbono, seja taxando as emissões pelo conceito do “poluidor pagador”.

Além de Oliveira, também fazem parte do projeto Arnolfo Menezes, Carla Schuchmann, Denys Roman, Dominic Schmal, Michel Peroni e Tatiana Regiani.



PROJETO PROGRAMA
MENINAS SUSTENTÁVEIS –
COMO A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA
VOLTADA AO DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL PODE CONTRIBUIR
PARA O EMPODERAMENTO E A
IGUALDADE SOCIAL

CIÊNCIA EM PROL DO MEIO AMBIENTE

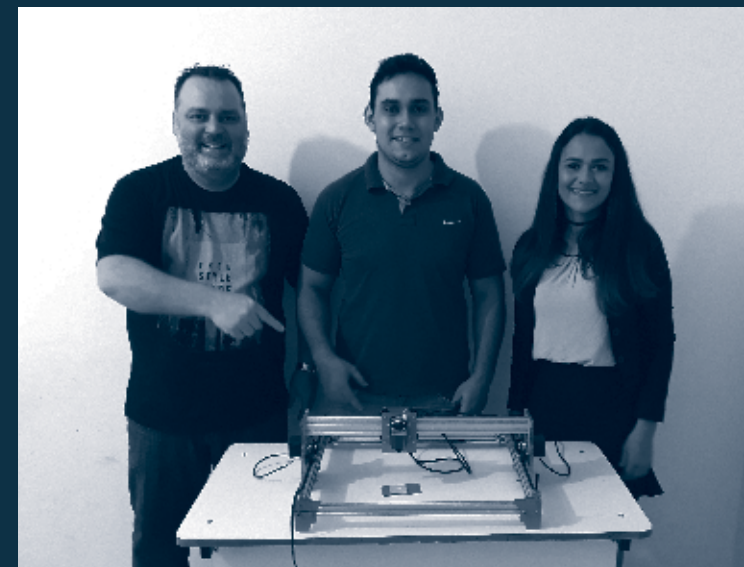
Professor da Universidade
Federal de Mato Grosso
desenvolve projetos
científicos que pretendem
solucionar problemas
ambientais do dia a dia

Cerca de 40 alunas do ensino médio de Barra do Garça (MT) têm a oportunidade de estudar e elaborar soluções para os problemas ambientais da região onde vivem.

Encabeçado pelo professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) Márcio Batista, o programa Meninas Sustentáveis – Como a Educação Científica Voltada ao Desenvolvimento Sustentável Pode Contribuir para o Empoderamento e a Igualdade Social se propõe a relacionar conhecimentos de ciências a ideias que minimizem impactos ambientais de atividades produtivas.

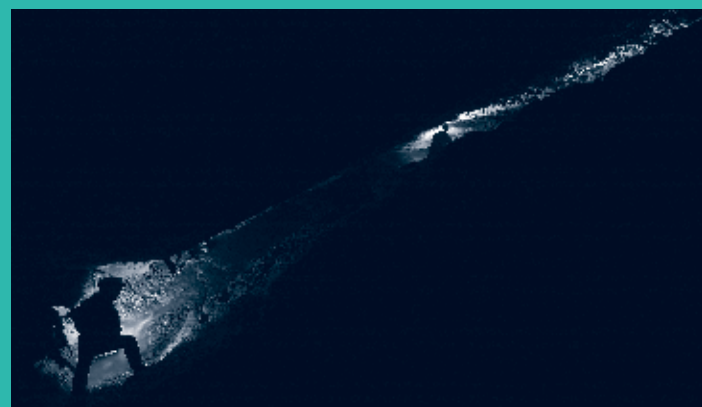
O uso de produtos naturais em vez de industrializados, a importância da reciclagem, os tratamentos de água e esgoto, entre outros problemas típicos do Estado mato-grossense, como os efeitos negativos do agronegócio, são alguns dos temas trabalhados. O projeto também conta com a cooperação do Senai.

As estudantes já desenvolveram um *cooler* térmico usando resíduos de madeira que substitui o isopor tradicionalmente utilizado nesse produto. Outro objeto criado foi um copo isolante para latinha feito com resíduos



da indústria da moda e premiado no Desafio Ied & Rede Asta: Upcycling Têxtil, premiação do segmento.

“A ciência pode trazer benefícios socioeconômicos com a geração de renda”, opina Andrade, ao falar dos cerca de 40 estudos já desenvolvidos por sala de aula. O acadêmico já conquistou o 2º Prêmio Fecomercio de Sustentabilidade com um suplemento alimentar para atletas feito à base da castanha-de-baru.



JORNALISMO

Reportagem em jornal,
revista, emissora de TV ou
rádio e na internet de autoria
de um ou mais jornalistas

REPORTAGEM PESQUISAS QUE
TRANSFORMAM: JOVENS CRIAM
ITENS SUSTENTÁVEIS PARA
CONSTRUÇÃO CIVIL

CONSTRUINDO UM FUTURO VERDE

Reportagem destaca trabalho de alunos que desenvolveram tijolos e placas ecológicas para a construção civil com base no bagaço da cana-de-açúcar, da palha do arroz e de restos de pneus

Em busca de maneiras para tornar as atividades da construção civil menos agressivas à natureza, seis estudantes de Engenharia Civil do Instituto Federal de Alagoas (Ifal), campus “Palmeira dos Índios”, desenvolveram tijolos e placas ecologicamente sustentáveis das cinzas do bagaço de cana-de-açúcar, de palha do arroz e de restos de pneus recauchutados.

A ideia despertou a atenção dos jornalistas Madysson Lira e Jamylle Bezerra, que publicaram o especial “Pesquisas que transformam: jovens criam itens sustentáveis para construção” no portal *Gazetaweb*.

A matéria apresentou o processo de reciclagem dos produtos, mostrando como os tijolos e as placas são produzidos, bem como os benefícios ambientais da iniciativa. “Os resíduos da construção civil, em muitos casos, são inutilizados e acabam virando um problema na natureza”, aponta Lira.

Segundo a reportagem, um tijolo ecológico custa R\$ 0,05, enquanto que o convencional é vendido no varejo por cerca de R\$ 0,39 a unidade. Em uma casa com 60 metros quadrados, por exemplo, em que são utilizados em média 8 mil tijolos, o custo fica em torno de R\$ 400 com



o tijolo reciclável. Já com o convencional, custaria R\$ 3.120. O cimento convencional também pode ser substituído por um material produzido com base nas cinzas de cana, que, segundo os estudantes, é mais resistente do que o habitualmente usado por construtores.

A construção civil é responsável por cerca de 60% de todos os resíduos sólidos

produzidos nos centros urbanos brasileiros, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Em São Paulo, por exemplo, estima-se a geração de 17 mil toneladas/dia de resíduos – 30% vêm da construção formal, e o restante, da informal.

Em parceria com instituições sociais, os alunos já colocam em prática os resultados das pesquisas: três casas estão em construção em uma comunidade indígena em Poço da Areia, povoado que fica a 17 quilômetros de Pariconha, no sertão de Alagoas.

Segundo Jamylle, projetos como esses devem ganhar destaque na mídia nacional para inspirar empresários e consumidores a adotar práticas mais sustentáveis. “Tudo o que é produzido que tenha como finalidade ajudar o meio ambiente deve ter destaque, principalmente nos tempos atuais, em que os danos causados pelo homem à natureza são imensuráveis”, afirma. Segundo ela, a grande imprensa consegue dar dimensões globais a assuntos locais, mostrando à sociedade que iniciativas simples podem ser revolucionárias e transformar a vida de milhares de pessoas.

REPORTAGEM ZIKA VÍRUS –
UMA AMEAÇA MUNDIAL

LUZ SOBRE EPIDEMIAS NO NORDESTE

Especial publicado no portal
do *Diário de Pernambuco*
mostra famílias e
profissionais da saúde que
acompanharam a vítimas
das doenças transmitidas
pelo mosquito *Aedes aegypti*

Em meio aos surtos do zika vírus, dengue e chicungunha, entre 2015 e 2016, o *Diário de Pernambuco* enxergou um vácuo de informação à população que assustada, buscava orientações. Diante disso, surgiu o especial online “Zika vírus – uma ameaça mundial”, que trouxe 12 reportagens especiais sobre os casos de epidemias no Nordeste, mostrando a história das pessoas por trás de números e estatísticas.

Responsáveis pelas matérias, as repórteres Alice de Souza e Silvia Bessa se interessaram por mostrar as causas e consequências desse fenômeno que chocou médicos e mobilizou a comunidade científica a ponto de a Organização Mundial da Saúde decretar caso de emergência sanitária de interesse internacional. Segundo o Ministério da Saúde, entre 2015 e 2016, aproximadamente 2 mil pessoas morreram no Brasil em decorrência das três doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*. A incidência de chicungunha no País em 2016 foi de 129,9 casos por 100 mil habitantes, sendo o Nordeste a região com maior incidência: 407,7 casos por 100 mil habitantes.

O especial se dedicou a tratar do desenvolvimento sustentável como pro-



blema conjuntural do Nordeste, uma região conhecida pelos piores indicadores socioeconômicos do Brasil. Uma equipe de jornalistas viajou mais de 5 mil quilômetros para colher depoimentos.

“As reportagens mostram a estreita relação entre o devastador poder de um mosquito, a falta de água no sertão nordestino, a ausência de estrutura mínima para atendimento das crianças viti-

madadas e a pobreza (pano de fundo que merece muito mais que o papel de protagonista)”, relata Alice. As reportagens deram voz às famílias de bebês com microcefalia, um dos efeitos do zika vírus, que antes só eram vistos como estatística. “Empoderá-los no papel de condutores das suas próprias histórias foi a prioridade número um neste trabalho, assim como trazer à luz núcleos de vitimados que moram em áreas mais afastadas das capitais”, afirma Alice.

Durante as viagens nas cidades interioranas do Nordeste, elas viram que as famílias e os profissionais de saúde poderiam contribuir ativamente para entender a epidemia e tratá-la. “Ficou evidente a necessidade de manter um olhar não só emergencial, mas de longo prazo, para traçar estratégias e desenvolver pesquisas e políticas públicas que pudessem estancar novas tragédias semelhantes e dar conforto aos vitimados”, explica Alice. Para a repórter, o Brasil precisa estar preparado para enfrentar essas epidemias, sobretudo nas regiões onde os impactos são maiores em função das vulnerabilidades sociais, como o Nordeste.

REPORTAGEM
VIOLÊNCIAS INVISÍVEIS

OLHAR SOBRE OS INVISÍVEIS

Repórter do Tribuna do Ceará, Jéssica Welma narra a triste realidade do bairro Arraial Moura Brasil, em Fortaleza. Local tem IDH similar ao de países africanos

Um dado alarmante se tornou objeto de análise na redação do jornal *Tribuna do Ceará* no segundo semestre do ano passado: o Estado registrava 3 mil homicídios em um período de oito meses. Pautada para investigar o problema, a repórter Jéssica Welma apurou que a onda de violência tinha forte presença em um bairro periférico de Fortaleza – Arraial Moura Brasil. O local tem um dos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixos da capital (0,284), similar ao de Moçambique, na África, o quinto pior do mundo.

Conforme aponta a reportagem, mais de 40% da população de Fortaleza vivem em áreas de extrema desigualdade, onde o acesso a direitos básicos, como educação, saúde e lazer, é ínfimo ou inexistente.

A matéria, que iria apenas repercutir os dados oficiais de violência, acabou

ganhando um especial online (“Violências invisíveis”) no portal do veículo de imprensa. No espaço online, ela conta a realidade dos mais de 850 assentamentos precários de Fortaleza, que abrigam cerca de 270 mil famílias. O bairro Arraial Moura Brasil foi o destaque da publicação, muito em virtude de suas contradições. Ao mesmo tempo em que abriga o Marina Park Hotel – um dos símbolos do turismo de Fortaleza –, também é o território da favela Oitão Preto, considerada a “cracolândia” da capital cearense e descrita como “terra de zumbis” pela população que passa pelo lugar.

Os textos narram ainda as histórias de personagens como dona Lenice, que divide a casa com mais 11 famílias, e dona Graça, que sofre com as faltas de tratamento de esgoto, moradia, segurança, alimentação, transporte e saúde.

“A vida delas parece não valer muita coisa, por isso não hesitam em correr riscos seja pelo que for”, conta Jéssica.

A reportagem ganhou o Prêmio de Jornalismo da Prefeitura de Fortaleza no fim de 2017, e Jéssica espera que o reconhecimento faça a sociedade refletir sobre a relação entre violência e direitos básicos. “As discussões, sejam na imprensa, sejam nas rodas de conversas dos mais diversos ambientes, precisam jogar luz sobre a violência que a maior parte da população sofre, não só em Fortaleza”, aponta.

O destino do dinheiro das premiações, conta Jéssica, foi definido pela equipe de reportagem que contribuiu para a matéria. E os profissionais compartilharam a conquista com os personagens que deram o tom de abandono estatal dos locais retratados.



REALIZAÇÃO



PRODUÇÃO





SUSTENTABILIDADE

Conselho FecomercioSP

Senac

Sesc

AQUI TEM A FORÇA DO COMÉRCIO

FECOMERCIOSP

REPRESENTA
MUITO PARA
VOCÊ